

MODELANDO O MESTRE CRISTÃO: UM ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS CATÓLICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NA PRIMEIRA METADE DA DÉCADA DE 1930

Rodrigo Mota Narcizo / UERJ

2. História da profissão docente e das instituições escolares.

A proposta deste trabalho é a de identificar e analisar características que constituem um modelo de profissional docente desejado pelos intelectuais e educadores católicos, de acordo com o contexto educacional brasileiro da primeira metade da década de 1930. Este texto também procura construir uma reflexão sobre a construção dos discursos dos intelectuais católicos e as formas empregadas por eles para difundí-los. O interesse pelo estudo do debate educacional nesta época, especialmente no que concerne ao posicionamento da intelectualidade católica, provém do engajamento no projeto de pesquisa coordenado pela Prof.^a Ana Maria Magaldi, intitulado *Pensamento católico, modernidade e relação família/educação na sociedade brasileira (anos 1930-1950)*. A base metodológica para a elaboração deste trabalho consiste na análise de fontes documentais existentes em bibliotecas e arquivos e no diálogo com a bibliografia sobre as maneiras utilizadas pelos católicos para difundirem suas idéias no campo educacional, como a edição de impressos, livros e periódicos como instrumentos de organização e mobilização do professorado católico. O referencial teórico utiliza a articulação de conceitos de Gramsci, Bakhtin e Certeau para embasar a reflexão acerca das características e da construção dos discursos dos educadores católicos.

De acordo com Herschmann e Pereira (1994), o período compreendido entre as décadas de 1920 e 1930 teve importância nevrálgica na reconstrução e ressignificação do campo educacional brasileiro. Além das reformas educacionais empreendidas no período, houve também um intenso debate acerca dos rumos da educação, da qualidade de ensino e da influência de idéias de cunho científico e técnico no cenário educacional. No quadro desses debates observa-se a intensificação da discussão acerca do aspecto da importância da escola como instituição essencial para o empreendimento transformações na tessitura social que levassem o país à modernidade. Diante das intensas mudanças políticas, econômicas e sociais em curso nesta época, o discurso em relação à reforma do sistema

educacional era fortemente atrelado à idéia de reconstrução nacional.¹ Neste cenário, dois grupos que possuíam idéias distintas, os católicos e os escolanovistas, empreenderam uma intensa disputa no campo educacional².

Os discursos dos educadores católicos brasileiros eram norteados, em grande parte, pelo conteúdo da encíclica *Divini Illius Magistri*³, do Papa Pio XI. Publicado em 1929, este documento exprime os conceitos e princípios destinados a orientar a atuação da Igreja Católica no campo da educação. Um dos pontos fundamentais da encíclica, é a relação indissociável ente a educação e a religião católica. A escola cristã é valorizada como local destinado à educação, ao passo que há a rejeição completa da escola laica e mista. No entanto, mesmo esta escola deve ter apenas um papel auxiliar na educação, tendo importância inferior à da família e da Igreja, nesta ordem. Ainda em relação à escola, a encíclica confere ao professor um papel imprescindível para a constituição de boas escolas:

“As boas escolas [católicas] são fruto, não tanto dos bons regulamentos, como principalmente dos bons mestres que, egregiamente preparados e instruídos, cada qual na disciplina que deve ensinar, e adornados das qualidades intelectuais e morais exigidas pelo seu importantíssimo ofício, se abramam dum amor puro e divino para com os jovens que lhes foram confiados, precisamente porque amam Jesus Cristo e a sua Igreja de quem eles são filhos prediletos, e por isso mesmo têm verdadeiramente a peito o bem das suas famílias e de sua Pátria”. (PIO XI, 1956, p.36)

Como visto na citação acima, o “bom mestre”, na concepção da encíclica, precisa possuir tanto uma preparação técnica adequada para exercer de maneira eficiente o magistério assim como uma preparação moral de base católica. Além disso, o mestre deve ser capaz de integrar ambos os aspectos durante sua prática em sala de aula, o que condiz com a concepção católica de educação ligada à religião⁴.

¹ Esta relação fica bastante evidenciada no início do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: “Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade o da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional”. (AZEVEDO, 2003, p.125)

² Ao contrário do que possa parecer, a disputa no campo da educação entre os educadores católicos e os escolanovistas, não é marcado apenas por divergências. A produção historiográfica a respeito da relação entre os educadores católicos e os escolanovistas tendeu, até recentemente, a colocar estes dois grupos em lados opostos do debate educacional nas décadas de 1920 e 1930. Estes estudos sinalizavam que não haveria nenhum tipo de convergência entre suas idéias, e sua interação limitava-se a apenas um intenso combate ideológico permeado por críticas e ataques às idéias dos adversários. Entretanto, nos últimos anos, trabalhos mais recentes acerca do tema - como os empreendidos por pesquisadores como Marta Carvalho (2003) e Antônio Sgarbi (1999) - têm problematizado a polarização que teria se estabelecido entre os escolanovistas e educadores católicos, mostrando que haveria uma multiplicidade de pontos de diálogo, convergência e até mesmo apropriação de idéias entre estes dois grupos.

³ O título da versão oficial brasileira é “Sobre a educação cristã da juventude”.

⁴ O axioma “a pedagogia é indissociável da religião” expressa uma idéia recorrente nos discursos católicos acerca da educação.” Assim, a educação deve ser essencialmente religiosa para dar significado e valor absoluto à vida, para torná-la proveitosa, fecunda. *Só na concepção cristã o mestre é um guia autorizado da*

Na concepção católica de educação, o magistério é dotado de uma marca religiosa e o professor é elevado à condição de um dos principais agentes do processo de disseminação da doutrina católica nas escolas⁵. Uma vez que o papel do professor é valorizado pelos católicos, uma das formas empregadas para a intervenção dos católicos na educação, é através da formação de mestres cristãos. Intervenção esta que ocorre de maneiras diferenciadas. O pensamento de Gramsci se mostra adequado para se pensar sobre o porquê dessas diferenças na difusão de idéias:

“Neste processo de difusão terão influência a forma racional em que a nova concepção é exposta e apresentada, a autoridade do expositor e dos pensadores e cientistas que o expositor chama em sua defesa, o pertencer à mesma organização de quem sustenta a nova concepção? *Estes elementos, na realidade, variam segundo o grupo social e o nível cultural do grupo dado.*” (GRAMSCI, 1978, p.35, grifo meu).

Embora a citação de Gramsci fale acerca da difusão das novas concepções de mundo, a idéia que ele apresenta pode ser utilizada para tentar se entender como operam os discursos católicos sobre as concepções de formação de professores cristãos. Uma parte considerável de discursos dos educadores católicos analisados procura reforçar uma concepção de mundo e educação pautada em valores e ideais da religião católica, através de uma série de medidas de formação voltada para os alunos de ensino religioso e também para professores em formação, ou que já estejam atuando. No entanto, tais medidas são diferentes, tendo em vista qual é o grupo visado (alunos, alunos-mestres, professores de ensino religioso ou professores da rede regular de ensino) e em que lugar - e para qual público – tais idéias são transmitidas⁶.

A partir desta linha de pensamento e tendo como base a análise do livro “Tratados de Pedagogia”, escrito pelo Monsenhor Pedro Anísio, e da tese apresentada por Guiomar Borges, intitulada “A necessidade duma formação especial de catequistas para as escolas públicas e particulares”, no Congresso Católico Brasileiro de Educação, é possível refletir sobre que tipo de formação de professores era pensado pelos educadores católicos, além de

juventude. Separar a religião da escola, prescindir de Deus na educação é mutilar a consciência humana, desagregar a unidade harmônica da alma, abater a nossa cultura e regressar à barbárie”. (ANÍSIO, 1934, p.96, grifo meu)

⁵ O uso de palavra “escola” no plural faz-se necessário, devido ao fato de a ação dos educadores e intelectuais católicos no Brasil ser multidirecionada e abranger - por meio de diversas estratégias – todos os tipos de escolas (laicas, mistas e católicas).

⁶ Uma vez que as maneiras de difusão do modelo de professor cristão se dão por meio de formas discursivas, o conceito de Mikhail Bakhtin sobre a palavra mostra a importância de se levar em consideração o interlocutor na análise dos discursos: “A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é em função da pessoa desse interlocutor; variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada por laços sociais mais ou menos estreitos”. (BAKHTIN, 1981, p.112)

sinalizar a importância para este grupo de investir esforços em conquistar – e formatar – os professores que ainda estavam se formando para o magistério.

Nestes discursos, nota-se que o professor era percebido de uma dupla forma. Ao mesmo tempo em que era valorizado devido ao seu papel importante na escola, por ser o responsável direto pela formação dos alunos, tanto pela transmissão de conhecimentos através das disciplinas lecionadas, quanto pela formação moral do educando, o mestre era colocado pelos intelectuais – tanto católicos quanto escolanovistas – como receptáculo de um determinado conjunto de idéias transmitidas através de impressos que deveriam ser aplicadas em sua prática de ensino em uma perspectiva vertical – de cima para baixo. A confecção, distribuição e formas de introjeção destes discursos impressos se constituem como um lugar de poder cujo objetivo é formatar o professor, tomando assim a forma de estratégias, de acordo com o conceito de Michel de Certeau.⁷

O primeiro discurso sobre a formação do professor cristão a ser analisado é o livro “Tratado de Pedagogia”, escrito por Monsenhor Pedro Anísio. A primeira edição é de 1934, tendo sido publicado pelas editoras Civilização Brasileira S/A do Rio de Janeiro e Companhia Editora Nacional de São Paulo. O subtítulo do livro deixa bem claro qual é o público-alvo do livro e em qual local ele espera que seu manual seja utilizado: “Para uso das Escolas Normais”. O próprio autor do livro era docente das disciplinas de Pedagogia e Pedologia da Escola Normal da Paraíba⁸. O livro é um manual voltado para os professores em formação, abordando diversos pontos sobre a teoria e prática educativa. Nos dez capítulos do livro, Pedro Anísio discorre sobre a educação, desde sua finalidade, passando pelo papel do mestre e do educando. Também dedica espaço para a um breve histórico da educação e também aborda temas específicos como a Educação Física, Intelectual e Moral. Por fim, ele fala sobre didática e os meios educativos⁹. Ao longo do livro, é claramente perceptível a valorização dos princípios da doutrina católica na educação, assim como o reforço sucessivo de afirmações que relacionam educação e catolicismo, como pode ser visto a respeito da finalidade da educação:

⁷ “As estratégias são ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas de discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem”. (CERTEAU, 1996, p.102)

⁸ De acordo com estes indícios, presume-se este manual tenha sido utilizado de fato nos cursos de formação de professores embora a pesquisa ainda não tenha encontrado registros da adoção deste manual.

⁹ Em 1937, Monsenhor Pedro Anísio lança o livro “Compêndio de Pedologia e Pedagogia Experimental destinado às Escolas Normais”. Segundo o próprio autor, este livro é um “livro irmão” do “Tratado de Pedagogia”, e os dois livros “se completam um ao outro, ambos destinados aos alunos-mestres das Escolas Normais ou Escolas de professores e cursos de aperfeiçoamento pedagógico”. (ANÍSIO, 1937, prefácio)

“Não afirmamos, pois que o fim da educação seja a salvação dos alunos, o que compete aos apóstolos da Igreja e o que só ela tem recursos e mandato para realizar. Dizemos, de acordo com os ensinamentos do Papa, que a obra da educação está conexas ‘íntima e necessariamente com o fim último do homem’, sendo seu objetivo ‘cooperar com a Graça Divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão’”. (ANÍSIO, 1934, p.86)

Em consonância com este fim da educação o professor¹⁰ possui importância crucial na formação, não só intelectual, mas também moral e espiritual do aluno:

“A educação é geração moral, uma como fusão de espíritos; é luz e calor. O mestre ilumina, aclama, faz conhecer a verdade e suscita as energias íntimas do discípulo para a abraçar com toda a sua alma. Sob a influência do educador, pouco a pouco, se desenvolve a personalidade. O mestre plasma, educa o espírito, segundo o modelo eterno que traz em si. Cada gesto, cada palavra, cada uma de suas ações tem ressonâncias eternas, porque tem sempre ante os olhos o ideal. Nesta concepção, o educador, quer sejam os pais, quer o Mestre, quer o sacerdote, age como representante de Deus como enviado d’Aquele que só merece o nome de Mestre: *Ōnus est magister vester*”. (ANÍSIO, 1934, p.93)

Na estratégia discursiva empregada no livro, o mestre é elevado à condição de “Ministro de Deus”, sendo conferido a ele um lugar diferenciado, comparado ao de um sacerdote. A construção do texto, que é voltado para os professores em formação, tem uma configuração tal que ascende o professor a um outro patamar. O mestre, além de possuir o ofício de ministrar a instrução, também tem a incumbência da formação espiritual do aluno.

“O Mestre intervém para realizar no educando o ideal pedagógico, o ideal interno, que é Deus – fundamento de todo o credo, ponto de apoio de toda a ciência, chave de todos os enigmas, supremo valor de todas as coisas. A educação é coisa divina. O primeiro educador é Deus, o ‘pai das luzes’, de quem recebemos, com o dom da vida, todo ulterior desenvolvimento de nosso ser. Ministro de Deus, portador da luz, o Mestre acende no centro do espírito o fogo sagrado que se irradia pelas avenidas largas e interminas da psique humana, ainda em trevas, e dá a impulsão portentosa para a verdadeira felicidade, para a conquista de Deus”. (*ibidem*, p.92)

Para a boa execução do “ofício educativo”, segundo a concepção defendida pelo Monsenhor Pedro Anísio, o docente tem que possuir os seguintes caracteres: autoridade, amor, virtude (baseada em princípios cristãos) e ciência. Sem estes elementos o professor não é capaz de levar a bom termo a educação da juventude. Em relação à autoridade, o autor a coloca como um dos “fundamentos da pedagogia” e essencial para na formação da consciência moral do aluno:

¹⁰ No livro do Monsenhor Pedro Anísio, as palavras *educador* e *pedagogo* são usados como sinônimos. Os professores – assim como os pais e sacerdotes – são exemplos de educadores. Outro ponto de destaque é o fato de Jesus Cristo ser chamado de pedagogo.

“Não se compreende, magistério sem autoridade, educação sem disciplina. A autoridade é necessária, não para destruir a natureza, mas para ajudá-la, confortá-la, robustecê-la, para formar a consciência moral, subordinar os instintos à razão e dar ao homem a verdadeira liberdade, levando-o ao senhorio perfeito de si mesmo. Assim, o princípio de autoridade é o fundamento da pedagogia, o primeiro e principal caráter do ofício educativo. Longe de ser contrário à liberdade, ela é, como diz ilustre pedagogo italiano, a que favorece a libertação do homem, ensinando-o a agir segundo a reta razão e a boa vontade. A autoridade no mestre corresponde a obediência no discípulo e ela vem ajuntar-se o amor, a virtude e a ciência, dotes que devem exornar a pessoa do mestre”. (ANÍSIO, 1934, p.98-99)

Outra característica importante é a virtude. De acordo com Pedro Anísio, “o mestre deve ser um homem de virtudes. Na sua pessoa devem resplandecer a modéstia, a paciência, a bondade, a fortaleza, a abnegação, enfim, o espírito cristão. É o modelo que os alunos tem ante os olhos para imitar”. É interessante perceber que este ponto dos valores está relacionado a uma concepção de prática educativa baseada no ensino pelo exemplo.¹¹ Já a questão da relação afetiva entre professor e aluno, é valorizada por dois motivos. A afeição do mestre em relação ao seu aluno é importante para a construção de um laço que facilite a tarefa de educar, sobretudo no caso das crianças que estão iniciando a escolarização: “durante a primeira fase da educação, quando o menino entra na escola, não há outro meio de ganhar-lhe a educação senão o carinho” (ANÍSIO, 1934, p.100). A segunda razão consiste em aproximar a relação professor-aluno da relação pai-filho: “Antes de tudo, tenha para os seus alunos um coração de pai e pense que sucede ao posto daqueles que lhe confiaram seus filhos”. (*ibidem*, p.100)

Apesar da extensiva valorização do aspecto moral, afetivo e espiritual do professor, o Monsenhor Pedro Anísio também ressalta o valor da ciência e do conhecimento do mestre, inclusive relacionando-o com o aspecto da autoridade em sala de aula. Do mestre é exigido domínio do saber que deseja transmitir, assim como dos processos e métodos da educação.

“Ao lado da virtude, deve possuir o mestre a ciência. Esta lhe granjeia prestígio, honra e admiração. É condição indispensável da formação do espírito. Sem a cultura, como pode o mestre nutrir as mentes juvenis e dirigir-lhes o curso da vida? Se o mestre não tem o saber exigido por seu ofício, cai logo em descrédito no meio escolar e estéril será a sua missão”. (ANÍSIO, 1934, p.100)

¹¹ A educação pelo exemplo é uma prática defendida por vários educadores católicos e é também um dos princípios da “Pedagogia perene do Cristianismo”: “*A necessidade do exemplo nos educadores*. Que vossa luz brilhe diante dos homens ... sois o sal da terra e se o sal perder o seu sabor, porque será substituído? Ai daquele que escandalizar um desses pequeninos...” E o que diremos dos exemplos sublimes do divino fundador da Igreja? *Bene omnia fecit*, diziam deles as testemunhas de sua vida impoluta e incomparável, embora tão acessível a todos”. (PEETERS e COOMAN, 1936, p. 36, grifos das autoras)

Um aspecto a se destacar no “Tratado de Pedagogia”, é o fato de o autor do livro ser um eclesiástico e também professor de disciplinas de cunho não-religioso (Pedagogia e Pedologia) em uma Escola Normal. Outro ponto notável, é que o livro é destinado às Escolas Normais em geral, ao invés de ter sido elaborado especialmente para professores católicos formados em institutos católicos.

A existência de um livro escrito por um religioso, destinado aos “alunos-mestres” em geral, indica uma tentativa de penetração em um espaço oficialmente laico, como o das Escolas Normais, através de uma estratégia de discurso fora das aulas de ensino religioso. O público-alvo desta publicação não era o professor que iria dar aula especialmente de ensino religioso, mas sim o professor do ensino primário. E o espaço - e tempo - para a difusão destas idéias e concepções de professor cristão seria muito mais abrangente, considerando que o livro circularia durante o ano letivo inteiro das disciplinas de Pedagogia e/ou Pedologia.

O uso de manuais destinados a alunos dos cursos de formação de professores não deve ser entendido como a única estratégia de qualificação de professores. Ocorreram diversas discussões sobre a formação de professores em outros espaços, não destinados a professores em formação, em que o tipo de professor e sua modelagem eram discutidos. Um destes espaços, foi o Congresso Católico Brasileiro de Educação, realizado em 1934. O evento foi promovido pela Confederação Católica Brasileira de Educação, com o intuito de “estudar os problemas educacionais à luz da doutrina e de formar a base da política educacional católica” (CARVALHO, 2003, p.114).

Na época em que foi realizado o congresso, o tema do ensino religioso era um assunto de bastante destaque e ponto importante dentro do projeto católico no campo educacional. O tema possuía tamanha relevância, que a primeira comissão do Congresso foi dedicada exclusivamente às teses que versavam sobre o ensino religioso. As teses dedicadas a este tópico continham um discurso de defesa do ensino religioso no horário escolar, que havia sido uma das reivindicações católicas contempladas na Carta Magna de 1934. Este era um ponto considerado crucial para o aprendizado da religião, uma vez que havia a percepção de que o ensino religioso fora do horário escolar não era muito eficiente:

“O ensino religioso poderá ser agora em nossa terra uma brilhante realidade, por isso que, em nossa Carta Magna se estatui o ensino religioso dentro do horário escolar. Não mais as aulas de catecismo, extra-horário apressadamente dadas e distanciamente ouvidas; não mais crianças fatigadas após um dia de trabalho, a acharem sempre inoportuna a aula de religião, que as vinha deter mais uma hora na escola”. (BORGES, 1935, p.15)

Em contrapartida, havia a preocupação com a formação dos responsáveis pelas aulas de ensino religioso, para que o conteúdo doutrinário católico fosse transmitido corretamente aos alunos. Este é o foco da tese apresentada pela professora Guiomar Borges:

“Os que se preocupam seriamente com o problema religioso da nossa terra sentem a urgência de formação especial e cuidadosa das catequistas, para o desempenho de uma das mais santas e das mais sérias tarefas que possa empreender a mulher – o ensino religioso”. (BORGES, 1935, p.14)

Em decorrência desta preocupação, uma das propostas apresentadas nesta tese consistia na formação de professoras-catequistas, o que revela um movimento de empreender a união do saber pedagógico com o saber religioso:

“A necessidade mais urgente de nosso país é a formação da professora-catequista. Há de ser a professora a quem as crianças estão habituadas a ouvir e respeitar; há de ser a mestra que lhes ensina a gramática e a matemática, a geografia e a história, o desenho e o trabalho manual; há de ser ela que lhes terá de ensinar o catecismo e a história da Igreja. E a professora há de ser catequista. E da sua formação pode se ocupar a Associação de Professores Católicos, cujo escopo elevadíssimo é a educação integral. *Não se pode educar a criança, física, intelectual e moralmente, abandonando a sua educação religiosa*”. (*ibidem*, p.16, grifo meu).

Conforme pode ser visto na parte grifada, a verdadeira educação é concebida pela autora como algo indissociável da religião católica. Como já foi visto anteriormente, esta concepção de educação aparece em outros discursos católicos, como no livro “Tratado de Pedagogia” e na encíclica *Divini Illius Magistri*. No entanto, o tipo de professor focado por Guiomar Borges é diferente do público-alvo dos discursos do Monsenhor Pedro Anísio. A professora defende que o ensino religioso seja ministrado pelas mestras formadas nas Escolas Normais e que elas ministrem o ensino religioso para seus próprios alunos a fim de alcançar a educação integral da criança.

A preocupação de Guiomar Borges não se limitava apenas à relevância conferida à fé da professora-catequista. Outro aspecto importante para o bom aproveitamento do ensino religioso consistia na adoção de um método de planejamento para as aulas¹²:

“Preparar-se a catequista para as suas lições com interesse e com método. Esta última seria a preparação que iria aproveitar, mais diretamente, às crianças. Se a verdade religiosa é sempre a mesma, é necessário, contudo, prepará-la para transmiti-la. Se o professor não pode e não deve entrar em aula, sem ter previamente preparado o assunto de sua lição, muito menos deverá a catequista ir aos seus alunos, sem ter delineado todo o plano da explicação que lhes vai fazer, prevendo-lhes as objeções e resolvendo-lhes as possíveis dificuldades”. (*ibidem*, p.18)

¹² A importância da adoção de um método para o ensino religioso também era defendida por outros educadores católicos, como o Padre Guilherme Boing: “é preciso, pois construir um sistema catequético conforme os moldes da Pedagogia Moderna”, porque o “catecismo precisa de método” (BOING, 1935, p.37).

Uma vez que o foco de sua tese é a formação religiosa dos professores já formados que atuam na rede regular de ensino, a autora propõe em suas conclusões que sejam oferecidos cursos de doutrina religiosa, ministrados pela Associação dos Professores Católicos, seguindo um planejamento bem definido e procurando abranger o maior número possível de professoras¹³. Além disso, é feita a proposta de uma reunião mensal com as alunas destes cursos e também com outras catequistas convidadas, com o intuito de “conseguir instrução das catequistas, uniformidade de ensino e reunião de forças¹⁴”. (BORGES, 1935, p.19)

A análise da tese da professora Guiomar Borges e do livro do Monsenhor Pedro Anísio, permite perceber a multiplicidade de estratégias empreendidas pelos educadores católicos na tentativa de disseminar suas idéias e concepções de ensino e educação entre os professores e de, conseqüentemente, influenciar suas práticas educativas. Ambos os educadores compartilham dos mesmos princípios e premissas educacionais e têm como base a encíclica *Divini Illius Magistri*, que também define um determinado tipo de professor a ser formado para concretizar os idéias católicos na educação. No entanto, é possível perceber diferenças bastante nítidas nestes discursos aparentemente uniformes, quando eles são analisados levando-se em consideração os locais onde eles foram construídos e seus públicos-alvos. A tese de Guiomar Borges, apresentada em um congresso, para outros intelectuais católicos, fala sobre a importância da formação de professores cristãos e defende o modelo da professora-catequista, sugerindo uma formação religiosa especial para professores em um espaço próprio para isso e sob a tutela da Associação de Professores Católicos. Já o discurso do Monsenhor Pedro Anísio sobre a educação, destinado a “alunos-mestres”, é transmitido através de um livro didático que aborda diversos aspectos educacionais. Nesta produção discursiva, é possível identificar toda uma abordagem voltada para a construção do modelo de mestre-cristão¹⁵, mesmo nas Escolas Normais que não possuem ensino religioso. Embora o modelo de mestre desejado pelos dois educadores seja semelhante, é possível perceber a existência de duas estratégias empreendidas para formação de professores cristãos e que este modelo de professor não tem sua área de atuação restrita apenas ao ensino religioso.

¹³ O Padre Guilherme Boing propôs uma conclusão semelhante no mesmo congresso. Ele sugeriu a “criação de um Curso Pedagógico Religioso nos Centros Regionais da C.C.B.E.” com o objetivo de capacitar profissionais para ministrar o ensino religioso.

¹⁴ Conforme registrado no livro de anais do congresso, as conclusões propostas por Guiomar Borges foram aprovadas em plenário.

¹⁵ Um ponto interessante sobre a construção dos discursos destes dois educadores no que tange à questão de gênero, é que o Monsenhor Pedro Anísio usa em seu livro o termo mestre (no masculino) para se referir ao professor. Já Guiomar Borges se refere sempre a professoras e catequistas (no feminino).

Referências bibliográficas

ANÍSIO, Monsenhor Pedro (1934). Tratado de Pedagogia: para uso das Escolas Normais do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Companhia Editora Nacional.

_____ (1937). Compêndio de pedologia e pedagogia experimental destinado às Escolas Normais. Rio de Janeiro: ABC.

AZEVEDO, Fernando de. A reconstrução educacional no Brasil: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: MAGALDI, Ana Maria B.M. e GONDRA, José (orgs.) (2003). A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes: Rio de Janeiro: 7 Letras.

BAKHTIN, Mikhail (1981). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec.

BARREIRA, Luis Carlos (2002). Everardo Adolpho Backheuser. In: FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque e BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). Dicionário de Educadores no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

BOING, Pe. Guilherme (1935). A necessidade duma formação especial das catequistas para as escolas públicas e particulares e o seu modo. In: Anais do Primeiro Congresso Católico de Educação. Rio de Janeiro: Confederação Católica Brasileira de Educação.

BORGES, Guiomar (1935). A necessidade duma formação especial das catequistas para as escolas públicas e particulares. In: Anais do Primeiro Congresso Católico de Educação. Rio de Janeiro: Confederação Católica Brasileira de Educação.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de (2003). Usos do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia. In: A escola e a repúblicas e outros ensaios. Bragança Paulista: EDUSF.

CERTEAU, Michel de (1996). A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

GRAMSCI, Antonio (1978). Obras escolhidas. São Paulo: Martins Fontes.

HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (1994). O imaginário moderno no Brasil. In: _____ (orgs.). A invenção do Brasil moderno. Rio de Janeiro: Rocco.

PEETERS, Madre Francisca e COOMAN, Madre Maria Augusta de (1936). Educação, História da Pedagogia. São Paulo: Melhoramentos.

PIO XI (1956). Sobre a educação cristã da juventude (Encíclica Divini Illius Magistri). Petrópolis: Vozes.

SGARBI, Antonio Donizetti (1999). Escolanovismo católico: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. [s.l.]: [s.ed.]